

BEAUVOIR, WITTIG E BUTLER: OS OLHARES DE TORNAR-SE AQUILO QUE SOMOS, OU NÃO

Izabel Tavares-Gomes; Iole Macedo Vanin

Programa de Pós-graduação em Estudos Interdisciplinares sobre Mulher, Gênero e Feminismo (PPgNEIM) da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas (FFCH), da Universidade Federal da Bahia (UFBA)
www.ppgneim.ffch.ufba.br

Resumo

Pensar algumas semelhanças e diferenças propostas por Simone de Beauvoir, Monique Wittig e Judith Butler, através de seus olhares convergentes e divergentes do “tornar-se” aquilo que somos, ou não, é o objetivo desta comunicação. Na execução deste estudo, basicamente me ative às três autoras, apesar da imensidão das possibilidades do “tornar-se”. Quando Simone de Beauvoir (1980) nos diz que as mulheres são o segundo sexo, logicamente a autora deseja transmitir que existe um primeiro sexo, desta forma esse primeiro sexo é a “norma”, o referencial, e a partir dessa afirmativa pode-se concluir que, os outros indivíduos são nomeados como “Outros”. Judith Butler (2010) ao mesmo tempo, nos diz que Monique Wittig (2006) também concorda com Simone de Beauvoir (1980), quando afirma que a pessoa não nasce mulher, ela se torna mulher. Então podemos concluir que para essas autoras, o ser humano está em constante processo de construção, o que é marco fundamental para a percepção de que o ser humano não possui identidade determinada, e que esse processo vem da compreensão dialética da sociedade, donde esse “tornar-se” seria algo permanente.

Palavras-chave: Queer; Diferenças; Sexo; Outro; Padrão.

Introdução

Com o objetivo de travar o diálogo, entre algumas semelhanças e diferenças propostas por Simone de Beauvoir, Monique Wittig e Judith Butler, pontuo alguns pontos que acredito serem mais relevantes, através de seus olhares que convergem e divergem, na tentativa de explicar o que é o “tornar-se aquilo que somos, ou não”.

Simone de Beauvoir (1967, p.9) ao dizer “ninguém nasce, mas torna-se mulher”, talvez deseje evidenciar que a metade da população humana é constituída como “mulher”, por meio de imposições, normas ou regras sociais, que não são questionadas.

Mas quando Simone de Beauvoir nos diz que as mulheres são o segundo sexo, logicamente a autora deseja transmitir que existe um primeiro sexo, desta forma esse primeiro sexo é a “norma”, o referencial, e a partir dessa afirmativa pode-se concluir que, os outros indivíduos são nomeados como “Outros”. Beauvoir (1980, p.10) nos diz: “O homem é o Sujeito, o Absoluto; ela é o Outro”.

Beauvoir (1980, p.10) ainda nos leva a dedução de que, se o sexo que existe é o sexo do indivíduo que se localiza no lugar de “Um”; ou seja, no lugar do primeiro sexo, logo, em verdade, o que se

observa, é que não existe essa classificação de “outro”, porquê essa pessoa do primeiro sexo existe como o “padrão”, logo, conclui-se que: a pessoa que não é “padrão”, é aquela que é o “outro”.

Ao propor o estudo de como as pessoas tornam-se as “outras”, Beauvoir (1980) nos mostra sob o ângulo do “tornar-se”, a partir de um ponto de vista, que a humanidade é “ser humano em processo”, logo, existe a constância em “tornar-se”, e “fazer” escolhas; sobre essa exposição, Judith Butler descreve:

Beauvoir é claro, só queria sugerir que a categoria das mulheres é uma realização cultural variável, um conjunto de significados que são assumidos ou absorvidos dentro de um campo cultural, e que ninguém nasce com um gênero – o gênero é sempre adquirido... (...) para Beauvoir o sexo é imutavelmente um fato, mas o gênero é adquirido. (Butler, 2010, p. 163).

Butler (2010, p.164), ao mesmo tempo, nos diz que Monique Wittig também concorda com Simone de Beauvoir, quando afirma que, “consequentemente, poderíamos dizer que, para Wittig, a pessoa não nasce mulher, ela se torna mulher”.

Então podemos concluir que para essas autoras, o ser humano está em constante processo de construção, o que é marco fundamental para a percepção de que o ser humano não possui identidade determinada, e que esse processo vem da compreensão dialética da sociedade, donde esse “tornar-se” seria algo permanente.

Para Simone Beauvoir esse “torna-se“ é a partir de quando as mulheres vão assumindo tarefas, então, para essa autora, logo ao nascer, tanto as mulheres, quanto os homens, recebem a categorização binária concernente a cada um, e é através dos processos de socialização, através de imposições, de regras, de movimentos e de comportamentos que nos tornam mulher, e classificando o que são fêmea e macho humanos na sociedade.

Nisso Monique Wittig (2006, p. 86) concorda com Beauvoir, quando diz que as mulheres são definidas pela realização dessas tarefas: “a escrita feminina é como tarefas domésticas e cozinhar”¹.

Wittig concorda que nos tornamos mulher a cada dia, e que esse tornar-se é feito a partir da divisão sexual do trabalho; ou seja, da realização das tarefas domésticas, a exemplo de: casar, cuidar do marido, prestar serviços sexuais a ele, cuidar dos filhos e dos idosos, assim, todas essas tarefas juntas, são a divisão sexual do trabalho.

Há que incluir aqui a apropriação do trabalho que está associado ‘por natureza’ a reprodução: criar os filhos, as tarefas domésticas. Esta apropriação do trabalho das mulheres se efetua exatamente da mesma maneira que a apropriação do trabalho da classe trabalhadora pela classe dominante. (Wittig, 2006, p.26)

¹ As citações traduzidas do espanhol para o português, do livro Pensamento Heterossexual, de autoria Monique Wittig foram feitas pela autora desta comunicação.

PARA WITTIG AS LÉSBICAS NÃO SÃO MULHERES

Monique Wittig (2006) nos traz o “tornar-se mulher”, sob um ponto de vista de ângulo materialista, ou melhor, sob a ótica do que as mulheres fazem para sobreviver “materialmente” – “o conflito de classes entre homens e mulheres traz a divisão natural do trabalho” (Wittig, 2006, p. 40), e Michèle Barret (1999, p. 110) complementa, “a consciência dependente da matéria e o domínio das relações econômicas”.

Wittig (2006, p. 42) também nos diz que, em relação às lésbicas, e por ser uma relação de duas pessoas mulheres, o que, para essa a autora, não existiria a divisão sexual do trabalho comumente utilizada entre homens e mulheres, como foi habitualmente exposto na sociedade.

Entretanto Wittig (2006, p. 43) chama a atenção para que, em relação as lésbicas, pode também haver o pensamento “heterossexual”, e desta maneira, a divisão sexual do trabalho se reproduz. Ao fazer essa analogia, que as “lésbicas não são mulheres”, Wittig (2006, p.42) concluiu que as lésbicas não estão em relações que as coloquem nesse lugar da divisão sexual do trabalho.

Ademais, lésbica é o único conceito que conheço que está além das categorias de sexo (mulher e homem), pois o sujeito designado (lésbica) *não é* uma mulher nem economicamente, nem politicamente, nem ideologicamente. O que constitui uma mulher é uma relação social específica com um homem, um relacionamento que chamamos de servidão, uma relação que implica obrigações pessoais e físicos e também econômicas (“residência fixa”, trabalhos domésticos, deveres conjugais, produção ilimitada de filhos, etc.), uma relação da qual as lésbicas escapam quando se recusam envolver-se ou seguir sendo heterossexuais. (Wittig, 2006, p.43)

Mas Judith Butler (2010, p. 183) pontua que “o feminismo lésbico de Wittig parece eliminar qualquer tipo de solidariedade com as mulheres heterossexuais”. Butler (2010, p. 183) ainda nos diz que “esse tipo de receituário separatista decerto já não é viável”, e concluiu:

O lesbianismo que se define por sua exclusão radical da heterossexualidade priva a si mesmo da capacidade de re-significar os próprios construtos heterossexuais pelos quais é parcial e inevitavelmente constituído. Resulta que essa estratégia lésbica consolidaria a heterossexualidade compulsória em suas formas opressivas. (Butler, 2010, p. 184)

SIMONE DE BEAUVOIR, MONIQUE WITTIG E JUDITH BUTLER: CORPOS QUE TORNAM-SE OU NÃO

Para Simone de Beauvoir existe o corpo biológico, e existe a construção social, essa autora acredita que tem a natureza, mas que há a cultura que se impõe sobre a natureza, e que o lugar da mulher está vinculado ao seu corpo.

Essa impotência física traduz-se por uma timidez mais geral: ela não acredita numa força que não experimentou em seu corpo; não ousa empreender, revoltar-se, inventar: votada à docilidade, à resignação, não pode senão aceitar, na sociedade, um lugar já preparado. Ela encara a ordem das coisas como dada. (Beauvoir, 1967, p. 69)

Mas Monique Wittig (2006) não faz a discussão sobre a natureza, porque essa autora não estava preocupada com os corpos, a sua preocupação consistia na execução das tarefas que as pessoas executavam.

Entretanto para Simone de Beauvoir essa matéria está muito presente, porque estabelecia onde, em que momento, as mulheres foram colocadas nessa posição de mulheres, de “outro”. Beauvoir nos mostra seu relato primeiro através da biologia, para depois explicar a posição das mulheres na infância, na puberdade, na iniciação sexual, no casamento, na prostituição, porém, ao buscar uma série de vivências sociais das mulheres, para o objetivo de explicar como elas “se tornaram” aquilo que elas são.

Monique Wittig não está preocupada com essa função da biologia, na realidade essa autora pensa em quem está na posição de dominante, e quem está na posição de oprimido. Assim, a autora nos mostra: “Agora, como das outras épocas, os homens estão de um lado e as mulheres de outro. Os ‘Uns’ dominam e possuem tudo, incluindo as mulheres, os outros são dominados e apropriados”. (Wittig, 2006, p. 81)

Isso tudo diverge também do que Judith Butler (2010) coloca, e diferentemente de Simone de Beauvoir e Monique Wittig, não trata da questão tarefas, porque Butler entende que nós estamos em constante movimento “também”, mas apesar disso, e coincidentemente, como as outras duas autoras se colocam, onde as pessoas estão sempre se transformando, mas Butler (2010, p. 27) trata também da transformação dos corpos, “mas o ‘corpo’ é em si mesmo uma construção”.

Para Simone de Beauvoir, nascemos com determinado sexo, ao mesmo tempo que nos foi atribuída aquela determinada cultura, então seguimos assim por todo o resto da vida. Já para Monique Wittig

somos seres humanos que por conta de construções sócio-históricas e culturais cumprimos determinadas tarefas.

Entretanto, Judith Butler postula que podemos transformar esses corpos materialmente, mas tanto Simone de Beauvoir como Monique Wittig não previram a transformação dos corpos, e como Butler (2010, p. 165) nos diz: “aliás para Beauvoir, o sexo é imutável um fato, mas o gênero é adquirido, e ao mesmo passo que o sexo não pode ser mudado – ou assim pensava ela”.

Simone de Beauvoir assume essa separação típica do pensamento iluminista, que os corpos masculinos e femininos, a partir do sexo, seriam homens e mulheres, o gênero. Onde conclui-se que o pensamento de Beauvoir é dualista e binário, que coloca a natureza e cultura diferenciado.

Isso talvez seja um recurso de Beauvoir para provar que as mulheres não têm um destino biológico, e a autora usa essa construção em relação à cultura para dizer que as mulheres não precisam seguir o que está socialmente pré-determinado para elas. A autora nos diz que, não existe

Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam de feminino. Somente a mediação de outrem pode constituir um indivíduo como um Outro. (Beauvoir, 1967, p.9).

Muito provavelmente, toda essa discussão, biologicamente dita, é que essa verdade seja colocada por conta de uma questão fundamental, que separa os corpos machos, dos corpos fêmeas onde a questão da maternidade é que põe a diferença: “E pela maternidade que a mulher realiza integralmente seu destino fisiológico; é a maternidade sua vocação ‘natural’, porquanto todo o seu organismo se acha voltado para a perpetuação da espécie. (Beauvoir, 1967, p. 248)

Donde pode se concluir, que desde à época iluminista, as mulheres ficaram com a relação da maternidade associada à natureza, e os homens da cultura. Mas Simone de Beauvoir diz: “não, tudo isso é construído”. Ela afirma que esse papel determinado às mulheres a partir da natureza é uma construção cultural.

Porque a questão da divisão dos corpos permanece, por mais que se afirme que as mulheres são socialmente construídas, existe uma tarefa específica, que é atribuída ao corpo específico, que é o corpo que nós designamos como feminino. As outras tarefas podem ser feitas pelo conjunto da sociedade, mas especificamente a gestação, até os dias atuais, ainda é própria do corpo feminino.

Porém Judith Butler coloca que se os “corpos podem ser transformados”, e isso pode causar uma quebra de perspectiva, porque, pode existir homens trans* engravidando, o que poderá ocorrer através de construções identitárias, onde a identidade mulher e a identidade homem pode ser

atribuída a qualquer corpo humano. Então, sob esse ângulo, nos dias atuais, poderemos ter homens trans* engravidando, e na realidade essas pessoas que são biologicamente fêmeas.

Percebemos aqui que temos duas divergências, que é em relação aos corpos, e o que foi exposto anteriormente, também em relação ao discurso, porque quando Simone de Beauvoir se fixa no dualismo, natureza/cultura, com a intenção de provar que as mulheres não estariam determinadas pela natureza, ela não prevê outra coisa, que as mulheres poderiam ser, senão “mulheres, enquanto o Outro”. Nesse caso Beauvoir trabalha com a perspectiva da sociedade igualitária (Beauvoir é bastante influenciada pela teoria marxista, além da autora ser publicamente comprometida com o pensamento de esquerda, com o Partido Comunista Francês).

Contudo pode-se supor, que essa divergência em relação aos corpos, tanto Simone de Beauvoir, quanto Monique Wittig, cada uma ao tempo, talvez, essas autoras, não contemplaram a possibilidade de transformação material dos corpos, que em grande medida, com os avanços atuais, dentre os quais as possibilidades de usar hormônios químicos, fazer cirurgia de redesignação do sexo, etc., possibilita essa transformação.

Supondo por um momento a estabilidade de sexo binário, não decorre daí que a construção de ‘homens’ aplique-se exclusivamente a corpos masculinos, ou que o termo ‘mulheres’ interprete somente corpos femininos. Além disso, mesmo que os sexos pareçam não problematicamente binários em sua morfologia e constituição (ao que será questionado), não há razão para supor que os gêneros também devam permanecer em número de dois. (Butler, 2010, p. 24)

Essa discussão da materialidade dos corpos é diferente da discussão de performace, quando das pessoas performarem o gênero, no sentido de se colocarem de acordo com o que cada sujeito socialmente estabelece como referência para um determinado gênero, à exemplo das roupas, dos cabelos utilizados de determinada forma, das unhas, também utilizadas de determinada maneira, do uso de maquiagem ou não, etc. Para Butler (2010, p. 196) “a *performace* do *drag* brinca com a distinção entre a anatomia do performista e o gênero que está sendo performado.

O que, ainda para essa autora, (2010, p. 200) “a *performace* é realizada com o objetivo estratégico de manter o gênero em sua estrutura binária”, e complementa afirmando que: “em outras palavras, os atos e gestos, os desejos articulados e postos em ato criam a ilusão de um núcleo interno e organizador de gênero, ilusão mantida discursivamente com o propósito de regular a sexualidade nos termos da estrutura obrigatória da heterossexualidade reprodutora”(Butler, 2010, p. 195).

Existe a quebra na questão do discurso, porque quando Simone de Beauvoir prevê que podemos nos tornar mulher, a autora não avança mais em relação a essa afirmação, e quando Monique Wittig

afirma que as lésbicas não são mulheres, essa autora dá saída concreta para a vida das mulheres, no sentido de que as lésbicas podem ser “discursivamente” algo fora do binarismo que Simone de Beauvoir oferta, dentro de natureza/cultura e homem/mulher.

Já para Butler (2010, p. 164), pensando nas afirmações de Wittig, pontua que “a lésbica parece ser um terceiro gênero”, e a proposta de Wittig é a “estratégia de resistência imperialista” que é a de “lesbianizando o mundo inteiro”, a “heterossexualidade compulsória será destruída”. (Butler, 2010, p. 173)

Observa-se que ao bordar esse ponto de vista, Monique Wittig, nos mostra a solução que não cabe nas duas propostas apresentadas por Simone Beauvoir. Wittig propõe a solução universalista, e essa autora não trata da relevância da subjetividade, e quando o trata é baseada na solução universalista e generalizante, que é o “tornar-se lésbica”.

As autoras falam de categorias sociais no nível estrutural, e não falam de categorias sociais das relações interpessoais, e se isso ocorre nas bases que estruturam a sociedade; embora, obviamente que, as autoras saibam que há a co-relação entre os vínculos sociais macro e micro. Por conta disso, é que talvez falte a essas autoras o olhar sobre a subjetividade, e como isso se aplica às pessoas.

Embora tudo isso talvez ocorra porque, tanto Simone de Beauvoir, e quanto Monique Wittig, no campo filosófico, discutem essas estruturas, diferentemente como vêm a Sociologia, a Antropologia, a Ciência política, ou a Psicologia, que aplicam a teoria às pessoas concretas e à capacidade que as mesmas têm de reagir a essas estruturas.

Tanto a Simone de Beauvoir, quanto Monique Wittig, propõem a reação, quando falam quando as mulheres não são determinadas à serem mulheres, mas que é a sociedade que impõe essa determinação, as propostas dessas autoras pressupõe que a pessoa pode reagir. Então o proposto pelas duas autoras é a perspectiva dialética, e ao mesmo tempo, também, é aquela influenciada pelo marxismo, que postula que não é necessário aceitar aquilo que a sociedade coloca, e que existe a capacidade de ação contrária ao socialmente estipulado.

Entretanto, nenhuma das autoras, Beauvoir e Wittig, apontam como se dará essa capacidade de ação, além de dizer que a categoria mulher, ou a categoria lésbica, não aceitariam essas tarefas que lhes foram designadas. Contudo, tudo isso é posto no sentido macro, de recusa da tarefa, e ainda, essas autoras permanecem no campo de diagnóstico.

Mas Judith Butler trabalha com perspectivas mais concretas de mudança, através das subjetividades, como os indivíduos podem performar os gêneros, como cada um pode, dentro dessa ideia do escolher-se, do tornar-se, diferentemente do que a sociedade atribui, para essa autora:

Os corpos sexuados podem dar ensejo a uma variedade de gêneros diferentes, e que, além disso, o gênero em si não está necessariamente aos “dois usuais”. Se o sexo não limita o gênero, então talvez haja gêneros, maneiras de interpretar culturalmente o corpo sexuado, que não são de forma alguma limitados pela aparente dualidade do sexo.

Consideremos ainda a conseqüência de que, se o gênero é algo que a pessoa torna - mas nunca pode ser -, então o próprio gênero é uma espécie de devir ou atividade, e não deve ser concebido como substantivo, como uma coisa substantiva ou marcador cultural estático, mas antes como uma ação incessante e repetida de algum tipo. (Butler, 2010, p.163)

Nesse campo Butler perde o olhar de trabalho macro, e o problema é que, ao fazer isso, a autora perde também a opressão macro, que faz com que todo o grupo social sofra sexismo, machismo, racismo, homofobia, lesbofobia, porque se cada um tem a capacidade de se transformar individualmente, ou seja, o indivíduo tem essa agência individual, e a autora não fala da transformação coletiva, de perspectiva conjunta de transformação.

Então se percebe que os dois pontos de vistas possuem olhares ou origens diferentes, um sobre as estruturas sociais e o outro sobre as relações sociais individuais. Judith Butler fala que o sujeito é o processo.

TU ÉS HETEROSSEXUAL, OU NÃO SERÁS

A teoria de Judith Butler é importante para se pensar de como chegamos a ser quem somos, quando nos tornamos a ser quem somos, no sentido de que como a sociedade impõe esses discursos sobre nós, além de pensarmos na “matriz heterossexual” (Butler, 2010, p. 23 e 215-216²), e nesse quesito Judith Butler sem sombra de dúvidas se inspira em Monique Wittig, pioneira nessa desconstrução de poder.

Monique Wittig está preocupada em mostrar que, as mulheres são inseridas na “matriz heterossexual” a partir da maternidade, porque, em tese, as mulheres precisam ser as reprodutoras da humanidade. E como elas executam essa reprodução? As mulheres precisam de corpos que

² Uso o termo matriz heterossexual ao longo de todo o texto para designar a grade de integibilidade cultural por meio do qual os corpos, gêneros e desejos são naturalizados. Busquei minha referência na noção de Monique Wittig de “contrato social” e, em menos medida, naquela de Adrienne Rich de “heterossexualidade compulsória” para caracterizar o modelo discursivo/epistemológico hegemônico da inteligibilidade de gênero, o qual presume que, para os corpos serem coerentes e fazerem sentido (masculino expressa macho, feminino expressa fêmea), é necessário haver um sexo estável, expresso por um gênero estável que é definido oposicional e hierarquicamente por meio da prática compulsória de heterossexualidade. (Nota da Autora)

contribuam para esse processo, e para essa autora se entra na lógica heterossexual, porque os corpos masculinos e os corpos femininos é que fornecem os elementos biológicos para que esse processo aconteça.

A crença em um direito materno e em uma “pré-história”, na qual as mulheres criaram a civilização (a causa de uma predisposição biológica), enquanto o homem brutal e tosco se limitaria a ir à caça (a causa de uma predisposição biológica) é simétrica a interpretação biologizante da história que tem sido feita, até hoje, pela classe dos homens. É o mesmo método que consiste em buscar nos homens e nas mulheres uma razão biológica para explicar sua divisão, excluindo os fatos sociais. Para mim, isso nunca pode ser um ponto de partida para uma análise lésbica da opressão das mulheres, porque presume-se que a base ou a origem da sociedade humana está fundamentada necessariamente na heterossexualidade. O matriarcado não é menos heterossexual que o patriarcado: só muda o sexo do opressor. (Wittig, 2010, p. 32)

Logo a “matriz heterossexual” pressupõe a reprodução, e Monique Wittig faz a denúncia dessa matriz, de como a sociedade coloca sobre as mulheres esse peso da reprodução. Judith Butler diz que, foi a partir de Wittig, que o primeiro tabu da humanidade, foi descrito como a “homossexualidade”, e de certa forma, essa autora, também, faz uma grande provocação com a psicanálise, que relacionava o primeiro tabu da sociedade ao “incesto”, no nível freudiano, Jocasta e Édipo³, que tinham relação heterossexual.

Wittig (2006, p. 52) nos diz: “Deste modo, o pensamento heterossexual continua afirmando que o incesto, e não a homossexualidade, representa sua maior proibição. Igualmente quando o pensamento heterossexual pensa a homossexualidade, esta não é mais que heterossexualidade”.

Butler (2010, p. 107) descreve que “a melancolia heterossexual é instituída e mantida culturalmente, como o preço das identidades de gênero estáveis relacionadas por desejos opostos”. O amor homossexual desautorizado é conservado através do cultivo de uma identidade de gênero definida por oposição: “somos o que tínhamos desejado, mas também pode ser melancólico porque a sociedade é hetero”.

Judith Butler explica nesse sentido que nosso corpo como é construído pelo discurso passamos a fazer encenações, nos dando a entender que nossos corpos são fixos a partir dessas encenações, porque quando somos crianças e começamos a encenar determinado gênero, ao longo da vida continuamos encenando esse gênero, nos levando a acreditar que ele é fixo, que estamos presos de fato a determinada sociabilidade, homem ou mulher.

³ O comparo com o enfoque dos psicanalistas quando assumem que existem uma relação pré-édipa do menino com mãe, uma relação pré-social que, apesar de sua importância para a humanidade, não procede na história. (Wittig, 2006, p. 68)

A possibilidade de escolha nos mostra do quando se pode escolher quem se é, e do quanto a sociedade nos impõe, e à exemplo, a todo o momento escolhemos nos vestir de determinada forma, e aí entra a questão da não escolha também, porque todas as escolhas que fazemos são mediadas pelos padrões que nos são apresentados, nesse ponto de vista temos limitação nas escolhas também. Butler coloca o sexo e o gênero, como encenações que operam performativamente para estabelecer a aparente fixidez corporal, o que mostra que o fato do corpo ser tão operado nesse gênero, é atribuído a fixidez de gênero, e embora sejam encenações pode-se operar de maneira determinada. Butler também nos diz que já que são encenações podemos operar o corpo de maneira inesperada ou de maneira subversiva; ou seja, a possibilidade de encenação de identidade subversiva também. “Essa repetição é a um só tempo reencenação e nova experiência de um conjunto de significados já estabelecidos socialmente; e também é a forma mundana e ritualizada de sua legitimação”. (Butler, 2010, p. 200)

Mas nesse ponto de vista, o gênero é um tipo muito particular de processo, esse conjunto de atos repetidos, ao quais ocorrem num quadro regulatório altamente rígido de gênero, então a possibilidade de ação que o sujeito tem diante desse quadro regulatório é muito limitado, donde se conclui que se está o tempo todo negociando esse “tornar-se”. Butler (2010, p. 199) nos chama atenção para o fato de que: “como estratégia de sobrevivência em sistemas compulsórios, o gênero é uma *performace* com conseqüências altamente punitas”.

Talvez o primeiro passo desse tornar-se, e isso vai à todas essa autoras citadas, é a aquisição da consciência do processo que nos torna, ou seja, a percepção das ações que fazem com que sejamos quem somos, e sermos lidos socialmente dessa maneira.

Para Simone de Beauvoir e Monique Wittig são as ações na divisão sexual do trabalho, e para Judith Butler são as ações de *performace* do gênero, como apresentamos nosso gênero para a sociedade.

Segundo Simone de Beauvoir e Monique Wittig as nossas identificações se dão a partir das funções que exercemos na divisão sexual do trabalho, sendo que Wittig apresenta a possibilidade de negar as funções, sendo todas as mulheres lésbicas, contudo Beauvoir apresenta a possibilidade de negar as funções negando a maternidade, o que nos mostra o caminho comum, negar as tarefas relacionadas ao casamento heterossexual.

Judith Butler vê esse tornar-se, na forma como é performado o gênero, como cotidianamente se reafirma quem se é, como se é lido socialmente como homem ou mulher, independentemente do

corpo biológico, ou alterando o corpo biológico para ficar coerente com o gênero que se deseja performar.

Então alterar corpos tidos como masculino, caso se deseje performar o gênero feminino, alterar ele fisicamente, ou alterar a identidade de gênero. “A *performace* do *drag* brinca com a distinção entre a anatomia do performista e o gênero que está sendo performado”. (Butler, 2010, p. 196)

Ao imitar o gênero, o *drag* revela implicitamente a estrutura imitativa do próprio gênero – assim como sua contingência. Aliás, parte do prazer, da vertigem da *performace*, está no reconhecimento da contigência radical da relação entre sexo e gênero diante das configurações culturais de unidades causais que normalmente são naturais e necessárias. No lugar da lei da coerência heterossexual, vemos que o sexo e o gênero desnaturalizados por meio de uma *performace* que confessa sua distinção e dramatiza o mecanismo cultural da sua unidade fabricada. (...) a paródia do gênero revela que a identidade original sobre a qual molda-se o gênero é uma imitação sem origem. (Butler, 2010, p. 196-197)

CONCLUSÃO

Simone de Beauvoir estava envolvida ao escrever o *Segundo Sexo* com a participação política das mulheres, ampliação da presença das mulheres no mercado de trabalho, para a autora o problema era que a mulher era identificada como mãe, logo, a questão era a função exercida, e não o corpo, era ter que cuidar de uma pessoa, de criar filhos, de cuidar dos idosos. Então a discussão era, ter àquelas tarefas atribuídas especificamente a um determinado grupo.

Entretanto, a linha de pensamento que conecta todas essas autoras, é entender o quanto as pessoas “se tornam”, como conseguem se tornar, e o quanto se é limitado pelas construções culturais que fracionam a existência, e de como, tudo isso, tem haver com os momentos sociais de cada uma das autoras.

Monique Wittig trabalha com perspectiva da sociedade sem classes de sexo, que, indiretamente era a mesma perspectiva de Karl Marx, que é a sociedade sem classes sociais. Mas a grande questão é: onde estarão os indivíduos? Para onde irão as subjetividades? Porque tanto Beauvoir postula o padrão macro, que é o binário, homem/mulher, quanto Wittig, que também postula outro padrão macro, que são as lésbicas.

Contudo as três autoras estão muito situadas no momento histórico, cada uma no seu, porém o que as mantém com suas questões, e de certa forma muito semelhante, onde Monique Wittig fala sobre Simone de Beauvoir, e onde também, Judith Butler fala tanto de Monique Wittig, quanto de Simone

de Beauvoir, portanto há a conexão, logo existe a linha de tentar seguir uma possibilidade de reflexão, à capacidade das pessoas de agirem independentes, e o limite que as estruturas exercem sobre esses sujeitos.

O debate da época de Monique Wittig era o feminismo lésbico, ela era feminista lésbica que militava nesse sentido, mas isso também expõe outra questão: que existe a revolução das práticas heterossexuais, tanto que existe a pergunta de que, quem é o homem ou mulher da relação?

Mas Butler faz crítica a posição de Wittig em separar a homossexualidade e a heterossexualidade, pontuando ser um binarismo, o qual Wittig tanto criticou.

Minha própria convicção é que a disjunção radical proposta por Wittig entre heterossexualidade e homossexualidade é simplesmente falsa, que há estruturas de homossexualidade psíquica no âmbito das relações heterossexuais, e estruturas de heterossexualidade psíquica no âmbito da sexualidade e dos relacionamentos lésbicos e gays. Além disso, há outros centros de poder/discurso que constroem e estruturam tanto a sexualidade gay como a hetero; a heterossexualidade não é a única manifestação compulsória de poder a instrumentalizar a sexualidade. O ideal de uma heterossexualidade coerente, que Wittig descreve como norma e padrão de contrato heterossexual, é um ideal impossível, um ‘fetiche’, como ela mesma ressalta. (Butler, 2010, p. 176)

Isso vale tanto para casais lésbicos quanto que para casais “gays”, para encaixar em determinadas leituras de identidade social, e de como o pensamento heterossexual é levado para as relações homossexuais.

Wittig coloca que politicamente a lésbica é quem não reproduz essa divisão hierárquica e desigual do trabalho.

Judith Butler veio do debate das “drags queens”, das paródias, “drags kings”, e num momento que existe cena cultural muito diferenciada.

Em todas as autoras existe a discussão sobre consciência, do quanto se consegue entender as estruturas que oprimem, que nos oprime, e do quanto se consegue reagir as mesmas, mas no caso de Butler, a proposta é na reação, nas encenações subversivas, ou melhor, que o gênero seja encenado de outra maneira; enquanto Beauvoir propõe que as mulheres não tenham filhos, e Wittig propõe a consciência lésbica.

Disso tudo depende-se se não se tem consciência, como se vai formar o gênero de maneira diferenciada?

Agradecimento

Os fundamentos desse trabalho se devem ao aporte teórico da atividade curricular Tirocínio Docente, do Curso de Mestrado, da matéria do Curso de Graduação, Gênero, Ética e Filosofia, brilhantemente ministrada pela Prof^a Dr^a. Maíra Kubík Mano, à ela meu muito obrigada.

Referências Bibliográficas

BEAUVOIR, Simone de. O segundo sexo. 1. Fatos e Mitos. Tradução Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

_____, Simone de. O segundo sexo. 2. A experiência vivida. Tradução Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1967.

BUTLER, Judith. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. Tradução Renato Aguiar. 3^a. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

BARRET, Michèle. As palavras e as coisas: materialismo e método na análise feminista contemporânea. Estudos Feministas, Florianópolis, p. 109, jan. 1999. ISSN 0104-026X. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/11957/11224> . Acesso em: 18 out. 2016.

WITTIG, Monique, El pensamiento heterosexual y otros ensayos. Traducción de Javier Sáez y Paco Vidarte. Barcelona: Editorial EGALES, S. L, 2006. ISBN 84-95346-97-4. Disponível em: <http://www.caladona.org/grups/uploads/2014/03/el-pensamiento-heterosexual-y-otros-ensayos-m-wittig.pdf> Acesso em: 04 de Out. 2016